

( GUARDA )

GRAFISMO A PRETO

IRINA ||| MACHA ||| OLGA



*Irina com cerejas do Japão*, de Luísa Monteiro

*Macha*, de Valério Romão

*Olga*, de Rui Pina Coelho

posfácio: Nadia.....

Composição gráfica: Zoom

Capa / ilustração: João Concha

Colecção: Cénica

Edição: não (edições) ®

Depósito legal: 396042/15

ISBN: 978-989-98621-0-4

© não (edições) e autores,

2016, direitos reservados

A 'não (edições)' / autores expressa o seu agradecimento a

NNNNNNNNNN jjjjjjj eeeeeeeeeeee llllllll

aaaaaa ssssssss sssss kkklllllll mmmmmmm

nnnnnn dddddd uuuuuu pppppppp wwwwww

LUÍSA MONTEIRO  
VALÉRIO ROMÃO  
RUI PINA COELHO

IRINA  
MACHA  
OLGA



( APONTAMENTO GRÁFICO -  
DESENHO A PRETO )

**IRINA**  
COM CEREJAS  
DO JAPÃO

LUÍSA MONTEIRO

*Irina veste casaco comprido branco, gorro russo de pelo branco na cabeça e mala branca na mão, sobe para uma cadeira branca; olha o horizonte; ouve-se 12 badaladas.*

A duodécima pancada da meia-noite soou... a duodécima pancada da meia-noite de quinta-feira...

... Daqui tudo se vê e nada se alcança...

*Senta-se.*

Estou quase a desistir desta utopia; é utopia: a cidade é um chão vazio, como a morte. Na casa onde olhamos a vida como quem espera o comboio, sempre sabemos que as colheitas se sucedem: o calor do Verão repete-se, na sua tarefa de fazer os corpos florir, o frio de Inverno teima em gretar as carnes e a Primavera insiste em atar as almas... os Outonos cobrem de silêncios e saudades os olhares das primeiras chuvas...

Estamos sempre um não sei quê de não estarmos no lugar onde estamos...

*Sobe novamente para a cadeira e procura algo indefinido com o olhar.*

Pois confirmo: daqui tudo se vê e nada se alcança!

Talvez eu pudesse dormir esta noite naquela aldeia. Naquela ali, na direcção de quem vai para Moscovo!

Nas aldeias sonha-se com o que está para lá daquilo que se vê; nas cidades sonha-se com o que não é possível ver.

Esta noite não tenho coragem de sonhar aqui, rodeada de montanhas de esterco. Só um tolo pode ver na aldeia a escalada segura da sua vida. Mas eu também sei, agora eu sei... as cidades estão cheias de alpinistas vindos dos adros das igrejas...; pé vacilante entre o seu fora e o seu dentro, alicerçando sonhos sobre a inconstância da fé.

*Senta-se.*

Estou cansada. Não tivesse soado já a duodécima pancada da meia-noite e eu ia-me embora!

Moscovo, bah! Berço de todos os plágios, de todos os heróis e carraças sanguinárias! Maquilha-se em todas as épocas, empina-se na frente dos edifícios e na catedral de cada torso do mais pequeno transeunte.

São sempre abelhas efémeras as suas gentes, flanando sobre jardins de neve, sementeiras de sangue e canteiros de esquecimento...

(T) Sempre quis acreditar que em Moscovo se sonha a mel porque foi lá que eu fui criança; criada pelas mãos da criada! É verdade: Anfissa criou-me na cozinha, entre o calor da *piétcha*, ao lado das brasas, ao som dos grilos... Mas quanto mais se sonha, mais longe de Deus. Mais longe de nós!...

(T) É sempre assim: perdemos o comboio, desdenhamos do sonho! Um verdadeiro nómada é aquele que nunca sai do seu sítio; nem que a fome o empurre ou o laço da força lhe sorria...

Eu acho que sou bastante nómada!: como os grilos que nunca saem do borralho e, no entanto, cantam, cantam todo o dia e toda a noite. Lá, em Moscovo, afinal acaba por ser como aqui! Há criaturas vulgares de rostos encerados e um ou outro com cara d'urso!

*Pausa.*

Aqui há muitos ursos, também! Olham-nos assim, de olhar vazado, como se cá não estivessem, imprimindo ao olhar uma pose intelectual de enfado... especialmente os generais enferrujados e os escritores perdidos da sua época!

Saem das suas tocas de mofo e mel geralmente à noite; observam os cortiços, os favos das vielas, e sentem ferroadas por todo o corpo, ao saberem que para o enxame das caras enceradas, a projecção dos seus pensamentos tem a medida, pouco mais que exacta, que a das tabuletas das casas comerciais.

É por isso que sinto um fascínio insustentável por tabuletas de casas comerciais... daquelas, de madeira, que rangem com o vento!...

(T) São tão patéticos os ursos da nossa praça!... Coitados!, é o que vos digo!

*Levanta-se e caminha; pára.*



Podemos fugir do jugo doméstico, fugir de um governo tirano, fugir de uma sociedade cruel, só não sabemos fugir de nós... Depois dizemos que são as horas que nos fogem; que perdemos os comboios por um triz... (T) Mas quando olhamos para as linhas das mãos, quando as olhamos... chegamos à cruel certeza que todas vão dar a lado nenhum fora de nós.

*(suspira)* A noite sempre atíça uma espécie de magia nos corações feridos...

*Som de comboio a passar.*

Lá se foi mais um!

Se calhar, perdemos os comboios não pela falta de coragem, mas pela coragem de não sabermos ter vontade... Como podemos fugir de nós se somos tanta gente? Gente que se afasta quando a dor nos desfaz... Assim como um pingo de limão sobre uma mancha de azeite, no pires raso da alma... E depois, refazemo-nos, não temos outro remédio!

*Volta a subir para a cadeira e a observar o horizonte.*

Tudo e todos na mesma! Tudo se continua a ver, mas nada se alcança...

*Pausa.*

Daqui de cima, posso imaginar-me sobre um rochedo frente ao mar... e a ter aquela alegria triste de não ter espaço para fugir... As ondas, é connosco que vêm ter. Mas nunca ficam, sequer se deixam abraçar...

Nunca sentiram as patadas do mar sobre a pedra, ou o bafejar de orvalho sobre as faces quando...? Não estou a dizer que o tentaram fazer, mas quando pensaram que o poderiam tentar...? E o vento gelado que não chega a queimar, que canta na orla da nossa raiva como um pássaro entre aros de uma gaiola?

*Assobia uma canção e mima com os braços o voo de um pássaro; vai dirigindo cumprimentos a pessoas que imagina sobre a terra.*

Olá, poeta aí em baixo! *(assobia)*

Senhoras que andais nas feiras, olá, olá!

Não vá tanto por aí, senhor do Parlamento! *(assobia)*

Oh, crianças, corram, corram! *(assobia)*

*Pára subitamente. Desce da cadeira com aborrecimento e senta-se.*

Voar em demasia faz inchar as omoplatas; é assim como as perdizes quando são tiradas do forno e regadas com vodka... o torso incha, mas a cabeça não o sabe, porque a cabeça foi lançada aos gatos... Os gatos mesmo de verdade, não aos outros gatos...

Não sabem do que falo? Ah, pois não devem saber...

Eu deveria ter cerca de 11 anos e estava quase a mudar o meu corpo, quando Anfissa me contou que o criador, sentiu um dia uma grande sede de licor de mulher; e ainda antes de dotar as criaturas de desejo, antecipou-se e abeirou-se de uma rapariga, enfiando-lhe a mão entre as pernas: a boca do teu corpo será sagrada, murmurou-lhe; mas a rapariga, que não podia saber o que era sagrado, ergueu a mão esquerda em direcção à cabeça e apoiou a testa entre dois dedos... *(tenta encontrar a posição da rapariga da lenda)* Mais ou menos assim...Ou assim... Não, assim. *(retoma a narrativa)* O criador insistiu: então, não possuis aqui um cacho de uvas vermelhas?; e aí ela riu muito: não, senhor, *(leva a mão ao sexo)* o que eu aqui tenho é um gato vermelho!

E atija o fogo de vez em quando!!

É perigoso uma mulher não saber cuidar do fogo da sua casa, era o que me dizia Anfissa...!

*Volta à posição anterior e fica séria.*

E foi assim, conforme disse Anfissa, que o tal primeiríssimo criou tudo... Sobre mulheres, o criador nunca entendeu o que é um gato vermelho e, por castigo, renegou-lhe todas as mãos esquerdas... porque essas apontam para uma casa só de mulheres e nas casas das mulheres conta-se e sonha-se a toda a hora; as mulheres da minha casa gostam de gatos; e amaciam todos os dias o pêlo de... de um

bicho abstracto... Claro que este criador, não é Deus.

*Pausa.*

Eu sou a terceira da geração e esse deveria ser o meu nome: Terceira! O criador deveria ter-se excedido um pouco mais na comédia. Não Irina. Chamar-me Terceira, como a ilha que existe no Atlântico. E se eu fosse ilha, escreveria cartas a Anfissa a falar-lhe do prazer que eu tinha de a ver a cozinhar, quando eu era pequena... Pobre Anfissa, com o que estará ela agora a sonhar...? A meter perdizes ao forno, por certo, e a beber ela mesma a vodka que seria para as perdizes...

*Levanta-se.*

Que tolice! Anfissa é analfabeta! E uma bêbeda, também! Bêbada como todos os outros! Sempre a farejar-nos os sonos, a lavar-nos a roupa interior, a fazer contas àquilo que comemos... Sempre a rondar-nos os corações... uma ursa!

(T) Chamar-te-ei sempre ursa, Anfissa, por não haver silêncio que não sangue...Sim!, é verdade!... Tens ainda no sabugo das unhas... *(dirigindo-se mentalmente a Anfissa)* Olha pr'a elas, essas unhas que cortas rente à geometria dos cerejais! Tens ainda as ferrugens todas dos ossos que manobraste sobre as nossas camas vermelhas!...

Ursa! Ursa de olhos descritivos das brancas estepes; chamar-te-ei sempre urso, Anfissa... Ursa!!... (T) Mas como se dissesse...: nardo!, neve!, nuvem!... Esse teu olhar que inundou de cal a raiz queimada dos úteros das minhas irmãs...querias que fossemos virgens perpetuamente, Anfissa, mas não; nada em nós era imaculado como a neve ou a cal... apenas eu fui a noviça das engrenagens musculares, a noviça das pernas alvas das meias-ruas...

*(dócil)* Anfissa, Anfissa... uma velha e cega ama... Cega, sim! Aliás, até sempre achei que tu é que eras o tal criador de que me falavas...

*(sussurra)* Se pudesses arrancar e cuspir o meu cérebro como se fosse um vômito da tua viuvez, Anfissa... eu deixava! Para acabar de vez com os sonhos e arrancar a minha orfandade de amor, aquela orfandade que se escondeu com precisão no teu colo quando eras corvo sem asa em tão escuro cárcere...

(T) Anfissa, velha urso, filha estéril de *Zolotaia Baba'*... Tu nunca me cuspiste do teu colo, sempre tão cheio das tuas lágrimas e suspiros... os teus e os de todos lá de casa... Ai, pobre escrava, criaste uma menina de dormir em ninho de perdiz... e nem sabes do quanto ela se tornou cativa...

*Muda de tom. Sobe para a cadeira.*

---

<sup>1</sup> Significa em russo *Velha de Ouro*; é uma bruxa. A sua imagem tradicional exibe uma criança ao colo.

... de perdiz que voa, voa sobre o mar em busca da ilha para se encontrar porque é a Terceira!

*Volta a assobiar uma canção. Som de uma badalada. Irina fica suspensa no seu movimento.*

A primeira pancada do dia soou... a primeira pancada do dia de sexta-feira... Não veio ainda a madrugada... A Lua ainda se vê... E por isso, é que daqui tudo se pode ver, mas nada alcançar...

*Desmancha o movimento e volta a sentar-se.*

Comia agora uma perdiz...

Se possível, feita pela mãe de Anfissa, que eu cheguei a conhecer... Que estranho... se eu cheguei a conhecer, ela deveria ter uns 200 anos!...

(T) Tinham-na ido buscar à Estação de Moscovo. Muito velha e muito roliça, tinha cabelos muito ralos e brancos, uma grande testa de pele lisa e rosada... grandes olhos azuis e lábios muito carnudos, muito vermelhos, descaídos como cerejas de uma árvore. O rosto assentava-lhe numa papeira sobre o peito. Nunca sorria.

Quando teve Anfissa, de um patrão que ela chamava de incógnito, o

General Incógnito, ficou sem dobrar os joelhos. Arrastava apenas as pernas com muita dificuldade e a ajuda de uma bengala. Nunca se sentava e para se deitar era preciso os restantes criados atirarem-na para cima da cama. Catrapum!

As pernas também não tinham mobilidade na anca. Usava sempre um avental cinzento até aos tornozelos, para que não se visse as suas pernas defeituosas.

Quase nunca falava. Trouxe com ela a sua colecção de colheres de pau, de todos os tipos de madeira e de todos os tamanhos.

Dizia que era esse o seu segredo. E não revelava mais nada a ninguém, sequer à filha.

Ficou connosco um mês e eu ficava horas seguidas a olhar para as suas colheres de pau, ali penduradas, na parede, no intervalo das cozeduras e dos assados. Mas eu não podia falar nem mexer-me na cozinha. Aquele espaço era só dela enquanto ela lá estivesse. O seu templo. Deixava-me entrar, estendia-me a mão para que eu a beijasse e apontava-me o banco pequeno e surrado para que dali não saísse. E continuava a esfolar coelhos, a recortar cabritos, a escamar peixes gigantes, a soltar penas de galinhas por toda a cozinha. Eu abafava o riso entre as mãos... era um tempo mágico!

*(intrigada)* Mas os tempos mágicos não têm para cima de três séculos?

*Pausa.*

Que fome! Ah, se eu não comia agora uma perdiz feita pela mãe de Anfissa!...

(T) Um dia, ao sair da cozinha, puxei-lhe bruscamente por um braço e de um salto pespeguei-lhe um beijo na face! E depois fugi; tinham-me dito que a mãe de Anfissa não gostava de beijar; não beijava rigorosamente ninguém. Mas antes de sair da grande cozinha, olhei-a de relance. E era um sorriso o que ela tinha no rosto. Quase me atrevi a pensar que uma lágrima também se assomara aos seus olhos azuis... Como fontes de água salgada num oceano de água doce...

Pobre velha, cujo segredo era uma colecção de colheres de pau...

(T) Pertencemos todos a um grande gineceu! Cheio de gatos vermelhos e segredos ridículos!... E mesmo sendo ridículos, não adianta fugir, não adianta... é esta a natureza que a nossa química fabrica!...: gatos vermelhos!

*Abre a mala cheia de colheres de pau.*

“Esta colher é do gato, esta é do pardal e esta da menina audaciosa”...

“Esta colher é do gato, esta é do pardal e esta da menina audaciosa”...

Assim se dizia numa velha história para crianças...

A mãe de Anfissa morreu no aniversário do meu irmão Andrei, quando ainda vivíamos em Moscovo, e tinha-nos contado essa

história medonha na noite anterior... Logo ela que raramente abria a boca.

Os criados andavam tão atarefados com a festa – sempre a festa! – que se esqueceram de a deitar e ela caiu de cansaço. Era comum a criagadem morrer de cansaço ou de pneumonia...

Foram dar com ela de manhã, tesa como um arenque fumado; gelada, muito gelada...

Mas misteriosamente, nessa manhã o café estava a fumer no fogo, e havia tabuleiros com pão fresco... Durante muito tempo os criados disseram que tinha sido o fantasma da velha; As minhas irmãs tinham a certeza de que tinha sido Anfissa, para honrar a memória da mãe... Andrei sempre disse que ela era bruxa...

Com a queda, o chão da cozinha ficou com a marca do seu corpo e ainda lá deve estar até hoje! Como um fóssil!

*Acaricia as colheres.*

*(sorri, cúmplice com o segredo antigo)* Eu posso assegurar que não foi nem o fantasma, nem Anfissa quem fez o café da manhã...

“Esta colher é do gato, esta é do pardal e esta da menina audaciosa”...

Ter uma coleção de colheres de pau é importante! É ter algo de seu, é uma conquista rara para quem pode ter a necessidade de fugir um dia... Nunca se sabe!

Mas que adianta? Nunca se foge do lugar onde nos fizemos; vontades, não passam de indigestões para quem teve tudo à nascença...

(T) Anfissa nunca teve vontade de nada! Nem de uma coleção de colheres de pau ou de panelas de cobre em miniatura! Nunca teve vontade de nada, talvez porque nunca tivesse lido um livro...

*Pausa.*

“Esta colher é do gato, esta é do pardal e esta da menina audaciosa”...

Está mesmo a apetecer-me uma perdiz! Fome e sonho raramente tocam na mesma orquestra.

As perdizes pertencem às cozinhas... assim como as colheres de pau... e as cadeiras, as cadeiras pertencem aos sonhos de tantas mulheres... De tanto fazermos o nosso lugar, o lugar acaba por nos fazer a nós...

*(como se despertasse nesse momento)* Perdiz com cerejas cristalizadas! Cerejas do Japão. Sim, porque há sempre quem prefira viagens à Ilha Sakhalin<sup>2</sup>, onde abundam os cerejais.

Que bem que ficaria no cardápio de numa tabuleta de madeira!; uma tabuleta mesmo aqui, por onde passam os comboios com destino a Moscovo!

---

<sup>2</sup> A Ilha, de administração japonesa, para onde Tchekhov se dirigia quando soube da história de vida das três irmãs Brontë, em quem se inspirou, ao que tudo indica, para *As três irmãs*.

E por cima do cardápio, o nome em letras grandes! “Casa de pasto da Terceira”!: Especialidades: Perdiz com cerejas cristalizadas! Queijos da Ilha! Veado vermelho no forno e salmão dos lagos de gelo! E talvez... sopa de gaivota com lágrimas de atrizes... E, quem sabe, um digestivo sofisticado, criado especialmente por mim, talvez com o nome... Licor Jane Eyre!<sup>3</sup>

E assim, faria da minha fome o pão; fome de sonho saciada a pão de trabalho!!

(alegre) Um dia, ouvi Anfissa, essa velha *Iagá-Baba*<sup>4</sup>, dizer ao rapaz da estrebaria que eu sequer sabia acender uma *piétchka*... e que fogo maltratado, pode vingar-se em incêndio... Bah!

*Som de comboio a passar. Fica tensa.*

Os comboios vão continuar a passar... e eu posso continuar a fugir... a fugir fora das horas de os apanhar... para poder sonhar melhor... porque uma colher é do gato, a outra é do pardal e todas as restantes da menina audaciosa!...

*Junta madeiras, espetando-lhes pregos com a ajuda de um martelo a fim de formar paredes para revestir o espaço, para fazer a sua “casa de pasto”.*

---

<sup>3</sup> Alusão a Charlotte Brontë, a terceira das irmãs, que nunca saiu de casa mas que foi a única que trabalhou, como escritora assalariada.

<sup>4</sup> Corresponde na literatura tradicional russa á nossa bruxa e é filha da *Velha de Ouro*.

Nada melhor que o trabalho para se justificar esta perda e aquela perda e a perda de uma vida inteira...!

*Enquanto trabalha, assobia a mesma música de quando “voava”.*

Uma vida pode não valer nada, mas nada vale uma vida; e por isso é que trabalhamos!

Ai que fome!

O que me assusta são os horários. E os patrões que são geralmente malvados, quando não, malandros! Patrões que cospem nos olhos do menino Jesus!

*Pára de martelar.*

Pelo trabalho também se justifica a perda daquele comboio feito de palavras! Palavras como ‘beijos’, como ‘ternuras’ ou ‘crianças entre campos de flores amarelas’... essas palavras que irrompem pelas paisagens do amor, como se subitamente se saísse de um túnel e... É preciso impedir a visão das paisagens que nos tiram a fome!

*Retoma o trabalho. Assobia.*

Casa de Pasto da Terceira!

E se aparecer um cliente e perguntar o motivo deste nome, dir-lhe-ei: Então o cavalheiro não sabe? Não sabe que existe no Atlântico

uma ilha chamada Terceira?  
É um oceano frio e violento, às vezes de águas muito escuras.  
Mas tem dias meigos e verdes, como esmeraldas no colo manso de uma mulher...  
Nessa ilha, senhor, há pássaros cinzentos a sobrevoar as escarpas negras... Dizem que lá só moram irmãs... eu penso que são flores muito frágeis, senhor... Abandonadas pelos marinheiros que não souberam colhê-las.  
Lá, só mora sonho, inocência e... às vezes, um bocadinho de capricho.  
E o que vai desejar para a sua ceia, meu grato senhor?

*Irina tem uma explosão de alegria pelo facto de ter representado ser a dona da casa de pasto; esta alegria manifesta-se no rosto e nos movimentos, imprimindo rapidez no revestimento das paredes com madeira.*

É preciso aprender a tornar-me semelhante ao povo. E eu até acrescento: tornai-vos indispensáveis ao povo! Mas que essa simpatia não viva apenas na cabeça. Com a cabeça é tudo muito fácil... Tem que ser no coração, nos braços, no ventre! Com amor! Eu preciso de aprender a ser semelhante ao povo!

*Pausa súbita no trabalho.*

Que horror, ser-se semelhante ao povo... nas histórias de Maria-

-tsarevna e Ivan-tsarévitch e a vida do povo está cheia de bichos... Sim, bichos! Falcões, lobos, raposas... Eu até vi num teatro uma atriz que sobe para um palco... Assim (*sobe para a cadeira*), e disse: “O Homem e o leão, a águia e a codorniz, veados, gansos, aranhas, os peixes silenciosos que residem no fundo do oceano, estrelas-do-mar e pequenas criaturas invisíveis aos olhos, estas e todas as formas de vida, todas as formas de vida; todas as formas de vida acabaram a sua ronda de arrependimento e tornaram-se extintas”<sup>5</sup>! (*ri*) A criatura que tal escreveu, parecia não gostar nada de literatura velha...

*Som de comboio a passar. Irina fica atenta.*

Os vagões de carvão não devem tardar, para aquecer os salões de Moscovo... E com eles, batalhões de fome, batalhões de uma só boca e mãos de ferro... mãos de ferro, mas pulmões de prata...

*Irina retoma o trabalho de construir a sua casa de pasto.*

Quando um animal se propõe a comer os filhos do povo, não é por fome, de certeza... Pode ser por estar zangado. Mas zangado... com as pessoas, com a pobreza, com as noites de Outono...? Que tonta eu sou. Os bichos não têm alma...

E a alma do povo? O que se pode dizer da alma do povo que não

---

<sup>5</sup> Alusão a Nina, de *A Gaivota*.

se possa dizer da alma dos ursos, por exemplo? Sim, porque os ursos têm alma... Talvez não tenham cavalo. Aquele cavalo de galgar por esse mundo fora e que parece querer rebentar-nos com o peito quando... quando chega a hora de dizermos...: a-colher-é-da-menina-audaciosa!

*Termina, exausta, o trabalho de construção da pequena casa. Senta-se.*

Moscovo: finalmente!

Agora, é só esperar que entrem os comensais.

Estou sozinha, à espera do gato e do pardal.

As janelas estão, todas elas, bem trancadas: a prego e a martelo.

Eu não sou um bicho. E também não sei ser dessa gente com a vida toda bichosa que anda por aí...

*Pausa. Sobe para a cadeira. Olha para cima e roda lentamente.*

A lua já mal se vê. O dia começou a clarear. As estrelas desvaneceram-se... (*pára*). Mas foi possível acreditar, por momentos, que as colheres de pau pertencem a meninas audaciosas?...

(*salta para o chão*)

Claro que foi. As ilhas não têm portas. E o Japão, como é do senso comum, não existe... é outra ilha.

*Senta-se. Retira uma cereja do bolso e mete-a na boca, saboreando-a.*

Afinal, entre os cerejais, nada se vê... mas tudo se alcança!  
O tudo é... o tudo é... apenas uma coisa que dá sono.

*Som de comboio a passar. Irina adormece na cadeira.*